



Cinema & Território

Revista internacional de arte e antropologia das imagens

N.º 10 | 2025

VARIA

Carlos Manuel Nogueira Fino/O Longo Rio Dniepre

Liliana RODRIGUES

OJS - Edição eletrónica

URL: <https://ct-journal.uma.pt>

DOI: 10.34640/ct10uma2025rodrigues

ISSN: 2183-7902

Editor

Universidade da Madeira (UMa)

Referência eletrónica

Rodrigues, L. (2025). Carlos Manuel Nogueira Fino/O Longo Rio Dniepre. *Cinema & Território*, (10), 254-258.

<http://doi.org/10.34640/ct10uma2025rodrigues>

18 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

Carlos Manuel Nogueira Fino/O Longo Rio Dniepre

Liliana RODRIGUES
Universidade da Madeira
lilianagr@staff.uma.pt

Este trabalho é uma análise ao livro publicado por Carlos Manuel Nogueira Fino, em maio de 2024, sobre o aguardo da paz e do inverno que parece não acabar na Ucrânia. O objeto de análise centra-se na obra *O longo rio Dniepre*, abordando a forma como a guerra na Ucrânia é representada poética e simbolicamente através da metáfora do rio Dniepre, como espaço geopolítico, existencial e de memória. A análise foca-se, assim, nas dimensões discursiva, emocional e ética da guerra, tal como emergem da escrita do autor. Como é que a obra *O longo rio Dniepre*, de Carlos Fino, constrói uma poética da guerra que interliga memória individual, sofrimento coletivo e identidade europeia contemporânea? Refiro-me às armas que chacinaram duas mil crianças, desde a invasão russa. O rio Dniepre é essa esperança “contra a solidão/não sei porque te digo isto/mas às vezes os solilóquios terminam assim/em coisas sem sentido/e o facto é que os meus segredos bem os podem sussurrar/o vento/que não tem a menor importância” (Fino, 2024, p. 65). O texto será lido à luz da teoria da memória, das poéticas do trauma e das reflexões sobre a guerra na contemporaneidade, articulando ainda com o pensamento europeu sobre identidade, fronteira e pertença na lógica dos teóricos críticos. Optou-se por uma abordagem ensaística e interpretativa, que cruza análise textual com leitura contextual. A metodologia baseia-se na hermenêutica literária e na *close reading*, com fundamento educativo, destacando as imagens, metáforas e ressonâncias poéticas do texto, sempre ancoradas na realidade concreta do conflito na Ucrânia e na experiência histórica do continente europeu. Este trabalho pretende contribuir para a reflexão sobre a relevância da literatura em contextos de guerra, mostrando como a escrita pode ser espaço de denúncia, resistência e elaboração simbólica de um tempo ferido.

O Longo Rio Dniepre: os *Snipers* e os Cadáveres

Enquanto lia este livro imaginei as margens do rio Dniepre e as pontes destruídas. As suas cores e cheiros. Pensei em lhe tirar uma fotografia para colocar no *Instagram*. Vejam, por favor, se também o fazem. Façam na vertical. Não caiam sobre a ponte. Não é seguro. Os *snipers* estão em alerta. Evoco a presença do olhar mediado pela tecnologia. Esta ironia inquietante, revela o conflito entre o impulso contemporâneo de capturar e partilhar imagens, e a brutalidade real do que nelas se inscreve. A banalização do horror na era digital é, assim, denunciada: o conflito torna-se conteúdo, e o risco é estetizado.

O rio Dniepre é um dos maiores rios da Europa, com uma rica história que se estende por milénios. Nasce na Rússia, atravessa a Bielorrússia e a Ucrânia, antes de desaguar no Mar Negro. Com cerca de 2.200 km de extensão, é o quarto maior rio da Europa, depois do Volga, do Danúbio e do Ural. Agora é um lugar de “pontes destruídas” num deserto “onde se contam cadáveres que vogam na corrente” (op. cit., p. 7).

O rio Dniepre é apresentado não apenas como um acidente geográfico, mas como uma linha de tempo e de fronteira – espaço líquido de vida e de morte, onde “cadáveres vogam na corrente” e “pontes destruídas” marcam a descontinuidade de uma história em ruínas. Esta imagem funde o documento histórico (batalhas da Segunda Guerra Mundial, invasão

rusa) com a sensação estética: o cheiro das margens, as cores turvas, a violência suspensa na corrente (Fino, 2024). Trata-se de um imaginário onde a natureza participa da dor humana – uma personificação trágica do espaço.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Dniepre foi palco de intensas batalhas entre as forças alemãs e soviéticas. A Batalha do Dniepre, que ocorreu em 1943, foi uma das maiores operações militares da guerra, resultando na recaptura de Kiev pelos soviéticos. A história tende a repetir-se. É a herança soviética que não dá tréguas ou descanso aos ucranianos.

Após o colapso da União Soviética em 1991, o Dniepre continua a ser crucial para a economia ucraniana e tem um significado ambiental e ecológico. Este rio tem uma importância estratégica significativa na atual guerra entre a Rússia e a Ucrânia, que começou em 2014, com a anexação da Crimeia, pela Rússia. A cobiça intensificou-se em 2022 com a invasão em grande escala por parte desta. Diz o autor do livro “vi Guterres na televisão ao lado do lavrov/e percebi a essência da geopolítica não há esperança/e não há redenção” (op. cit., p. 71). “[...] e agora diz-me o que farás da inocência/estilhaçada pelas bombas/tu que tinhas as armas descansadas e um lugar junto ao mar/por onde vias entrar e sair os dias com a majestade dos navios” (op. cit., p. 83).

O controle das travessias, das cidades estratégicas e das infraestruturas críticas ao longo do rio será vital para as operações militares e para a estabilidade e reconstrução pós-guerra na Ucrânia. Teremos de aguardar pela paz, sabendo que qualquer “trégua de que nem se pode dizer que está podre/porque só a paz apodrece” (op. cit., p. 15). “e agora o quê/carlos” (ibidem).

A Interrogação no Conforto

E vejo uma interrogação que afirma de si mesmo o conforto que sufoca e que exige que não se “vacile” nem se permita a “abandonar a barricada” (op. cit., p. 15) “se queres paz/ [...] este é o tempo decisivo/e tudo o que fizeres fá-lo-ás para sempre” (ibidem). Pressupondo que se refere a mais do que a guerra, mas antes à possibilidade de se estar “em terra de ninguém” (ibidem).

Trata-se da coragem que responde à pergunta “ainda serei patriota?” (op. cit., p. 13) e que sabe que só “quando saíres do abrigo estarás em terra de ninguém” (op. cit., p. 15). Apenas “se não assomares ao parapeito nunca saberás/de onde vem o tiro/que te matará” (ibidem). A “resistência” faz-se com um sentimento de impotência. “que a minha impotência seja a tua força” (op. cit., p. 9) e num desapontamento, tal como Stig Dagerman, mostra o poder da Palavra quando afirma que “só no fim me calarei/ depois de a tua arma se calar/porque venceste” (ibidem).

A Dúvida Sobre o Corpo Retalhado

Fico com a dúvida se o autor “repousa” (Fino, 2024, p. 9) sobre a glória dos guerreiros que assume na terceira pessoa. São eles ... é ele... que tem o “corpo retalhado [...] o sangue exposto e negro/sob as pontes” (op. cit., p. 17).

O imaginário visual sobre o território ucraniano é povoado por figuras de ausência: corpos mutilados, cidades apagadas, crianças mortas. São estas as imagens adormecidas no mosaico ético-estético.

Numa introspeção de simples desentendimento, por ser vazia de matéria, o autor encontra o “céu em convulsão” (ibidem) e direciona-se para aquilo que parece ser um

sentimento de abandono de si próprio: “tu já não és guerreiro/e se o foste há muito que o teu braço se baixou/e o teu olhar ficou vazio” (op. cit., p. 17).

Observa, vela e guarda a “memória” (ibidem), não se sabe se de si ou se de um espectro de “mil novecentos e sessenta e sete” (op. cit., p. 19) que encontra, “logo a começar a tarde”, na Rua doutor Fernão de Ornelas.

O texto resgata a memória visual pessoal da cidade do Funchal (Rua doutor Fernão de Ornelas e Largo do Phelps), que se entrelaça com Kharkiv e Bucha, gerando uma tensão entre o conhecido e o longínquo. Esta sobreposição cria um espaço imagético híbrido, onde a guerra “lá” contamina a paz “aqui” – e o território ucraniano deixa de ser estrangeiro para se tornar íntimo.

Consigo imaginar um homem de “calças azuis de terylene com bolsos de chapa”, “de camisa de manga curta aos quadrados” a se mirar “nos vidros” das vitrines que, como refere o autor” “me acompanhava mirando-me de esguelha” (op. cit., p. 19).

E conta a história, no “largo do phelps” (ibidem), ante a travessia que não era do rio Dniepre, mas da “ribeira vestida de buganvílias” imagino o vermelho rosado do sangue “dos que ainda não sabem que estão mortos” (op. cit., p. 11).

Não foi o “bazar do povo quando ainda era bazar do povo” (op. cit., p. 19) a ser atacado. Foi num centro comercial em Kharkiv que se matou 14 pessoas, anteontem. E segue, o autor, pelo “largo do chafariz que era a minha catapulta para um futuro” (ibidem).

Um futuro que ficou preso no tempo e no espaço. “hoje sou eu quem desce a rua doutor fernão de ornelas/cada vez mais distante da minha imagem nos vidros” (ibidem).

As Armas em Kherson

Que te aconteceu guerreiro?

Não foste tu que disseste “prefiro abrir as minhas veias ao que vem da ucrânia/e pensar o que faria se os meus dedos/fossem armas/e os meus braços abertos um lugar seguro” (op. cit., p. 81). “que farás da paz que apunhalaram enquanto repousavas/e os teus olhos pairavam sem destino sobre as águas?” (op. cit., p. 83).

A representação visual do texto de Carlos Nogueira Fino é transcendente, mas é também desencantada: não há redenção, só repetição do horror. Sob o olhar atento a Kherson, Deus marcha com a bandeira do céu azul e do trigo amarelo e diz aos soldados “nunca abandones essa estrada” (op. cit., p. 79). Orienta-nos com esta sensação de esquecimento marcado pelo cansaço da desesperança. “afinal somos livres de fazer monstros e os deuses/à nossa semelhança” (ibidem, p. 31) - nunca abandones essa estrada - “disseram-me e logo me esqueci até/um dia” (op. cit., p. 79).

Que dia foi esse?

O Lugar de Deus

Provavelmente, não foi o dia, mas o lugar. Lugar onde “o nosso deus é um deus ofendido” Ruy Belo (1984, citado em Fino, 2024, s.p.) começa assim o autor, dedicando as suas palavras à Camila e ao André. Dedicar este livro aos netos por, aos seus olhos, terem o dever de serem sempre crianças. Crianças que tiveram mais sorte do que os 600 meninos e meninas ucranianos que foram mortos desde o início da invasão russa, em fevereiro de 2022. Mais de mil e cem foram feridas e mutiladas. Aqui ordena-se o silêncio e a lágrima.

A busca pelo silêncio num lugar “como aqui/onde não acontece nada” (op. cit., p. 73).

Carlos Fino, meu bom amigo, obriga-me a parar e a perceber que sem a vitória da Ucrânia não há deus que nos proteja “é que o meu deus também se aburguesou/e foi fiando míope/o olimpo é péssimo para os olhos como bem sabemos/portanto/bem lhe poderia implorar piedade ou que/enternecesse o coração de pedra/e extinguisse os que calculam a sua ausência/para matarem em meu nome/ou à sua revelia/que nem teria réplica” (op. cit., p. 85).

Redenção da União

Anda. Vamos tomar o café, “portanto sou eu que te peço/senta-te junto a mim/e não me digas nada” (op. cit., p. 37).

Vamos pensar juntos sobre o orgulho de aço de Mariupol. Da lição de vida de Oleksandr sobre uma luta que nunca previu. A frente de combate deu-lhe um olhar que brilha, por conta da prótese ocular de tons azuis.

Então ocidente? Esperamos por ti.

Enquanto isso, esta barbárie russa “que nos faz estourar os tímpanos” (op. cit., p. 11) faz centenas de mortos de ambos os lados que “neste chão morremos da pequena morte antes da glória” (op. cit., p. 11).

Dos 10 mil civis ucranianos mortos traz-me, como leitora, as dúvidas sobre a Pátria. Dessa relação de uma União que lhe dá uma entrada provisória e que se farda na bruma. “e eu fiquei para trás para morrer/de nostalgia?” (op. cit., p. 13).

A ideia que me percorre é a de alguém que não compreende a razão de ser a brava Ucrânia a murar a guerra por nós. E sente o encolhimento do velho continente.

O território é, pelo autor, constantemente revisto como espaço de trauma coletivo, onde o corpo é o principal suporte visual: braços estendidos, olhos vazios, dedos que podiam ser armas. O rio e as cidades ucranianas são vistos não apenas como lugares de conflito, mas como espaços dilacerados onde o humano se revela na sua fragilidade total.

A Saudade e a Vergonha

“[...] mas mil vezes antes a saudade/que ser carne para canhão” (op. cit., p. 13). Numa vontade niilista que remói: “tristeza [...] antes esta névoa que o peito varado a balas” (ibidem). Do que lhe conheço, antipatiza com Agostinho, o Santo, mas traz em si o sentimento de Alípio, de queda e perda: “e todas as vezes me pergunto quantas/estrelas cairiam sobre as minhas ruínas/se estivessem expostas” (op. cit., p. 79).

Bucha é a vergonha mais recente da história da humanidade. Tortura. Mutilação, estupro e abuso sexual. Não houve piedade. Aos 300 primeiros, sucederam outros mil corpos, “mas, entretanto, o sol raiou e foi possível ver/o que os olhos nunca acreditaram. os corpos/ainda no chão até se dissolverem na luz/e uma calma a descer como se fosse um manto/de olvido/a cobrir a memória” (op. cit., p. 57).

Fico com a imagem de anjos que recuperam as almas aos corpos estilhaçados ao som das rajadas das metralhadoras. Escurece sobre nós e “as luzes da cidade ficaram nas cidades que não sonham” (op. cit., p. 77). E não há nem 25 nem “27 de abril” (op. cit., p. 73) que os liberte do assassinato “sabes/o meu vinte e cinco de abril/foi em mil novecentos e setenta e quatro/e desde então nunca mais/me senti preso” (op. cit., p. 67).

Estas imagens não são meros reflexos da realidade, mas emblemas de uma Europa em ruínas morais, uma cartografia da dor que se sobrepõe à geografia.

O Solilóquio

Não conscientes do que se tem, compreendemos ao longe que a execução dos 15 soldados no inverno ucraniano é mais do que um crime de guerra. Wagner mudaria de nome se soubesse que há deles homónimos que gritam “não façam prisioneiros, disparem contra todos” (CNN, 2024).

O rio Dniepre é essa esperança “contra a solidão” (op. cit., p. 65): “não sei porque te digo isto/mas às vezes os solilóquios terminam assim/em coisas sem sentido/e o facto é que os meus segredos bem os podem sussurrar/o vento/que não tem a menor importância” (ibidem).

Carlos Nogueira Fino teve a capacidade de construir em cada um de nós um imaginário visual contemporâneo que é ao mesmo tempo íntimo e coletivo, poético e brutal, analógico e digital. Nele, o território ucraniano aparece como espelho da condição humana, uma tela onde se projetam os horrores da guerra e a impotência do olhar.

Obrigada, Professor,

Descobri o rio Dniepre em mim.

Referências

CNN (2024). «*Não façam prisioneiros, disparem contra todos*»: Rússia executou soldados ucranianos que se renderam. <https://cnnportugal.iol.pt/soldados-ucranianos/human-rights-watch/russia-executou-soldados-ucranianos-que-se-renderam/20240502/663342e3d34e049892205844>.

Fino, C. N. (2024). *O longo rio Dniepre*. ATLÂNTICOPRINT.